



Da delimitação da psicologia fenomenológica à necessidade de retorno ao mundo da experiência pré-científica

Edmund Husserl

Tradutores: Jean Marlos Pinheiro Borba
Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Brasil
Líder do Círculo de Estudos Husserlianos - CEH



Jailson Galvão Rocha
Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, Brasil



Revisão técnica: José Olinda Braga
Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil



Introdução à tradução

Este artigo apresenta os parágrafos § 5 “Delimitação da psicologia fenomenológica: como ela se distingue das demais ciências do espírito e das ciências da natureza. Colocação em questão, os conceitos de natureza e de espírito” e o § 6 “Necessidade de retorno ao mundo da experiência pré-científica e a experiência em que é dada (concordância da experiência)” que iniciam a Parte Sistemática da Husserliana IX de Edmund Husserl escrita no verão de 1925, consoante a tradução realizada a partir da versão francesa *Psychologie Phénoménologique*, de 1925, realizada por P. Cabestan, N. Depraz, A. Mazzú, F. Dastur diretamente do alemão, relativa à sua obra publicada em 1962, intitulada *Phänomenologische Psychologie. Vorlesungen Sommersemester*, publicada após o falecimento do autor e que reúne as lições ministradas por Husserl no verão de 1925. A obra traduzida para o francês está dividida da seguinte maneira: Introdução, Parte Sistemática (que contém 45 parágrafos), o artigo para a Enciclopédia Britânica, as Conferências de Amsterdã e cinco apêndices (XVIII e XXI ao §37; XXVIII ao § 45 e, XXXI e XXXII às Conferências de Amsterdã). O texto principal do curso de palestras de 1925 (Husserliana IX, 1-234) foi traduzido tanto na versão inglesa (Husserl, 1977) quanto francesa (Husserl, 2001). Contudo, a obra original do alemão (Husserl, 1962) contém ao todo 650 páginas e destas, apenas O artigo da Enciclopédia Britânica (1927), As Conferências de Amsterdã (1928) e As Conferências de Praga (1935) foram traduzidas no momento para a língua portuguesa (Husserl, 1927-1935/2022). Os §41 e §42 foram traduzidos por Almeida e Goto (2022) e o § 1 e o § 2 por Braga (2023).

Nesses escritos Husserl expõe o caminho utilizado para apresentar o projeto para uma Psicologia Fenomenológica. As análises feitas pelo autor vão desde a relação de como as ciências naturais abordam o mundo, a experiência de mundo, a subjetividade, a percepção, a atitude natural, a causalidade psíquica, a temporalidade etc. As discussões se ampliam para como, através de seu método, se faz possível a construção de uma Psicologia Fenomenológica. Há várias críticas dirigidas à naturalização empreendida pelas ciências naturais, assim como as já iniciadas em outras husserlianas, sendo uma delas mais recorrente, a crítica apontada por Husserl ao

caminho utilizado pelas ciências da natureza, por meio de uma Psicologia baseada nas influências naturalistas para conhecer a subjetividade e a intersubjetividade.

No parágrafo § 5 “Delimitação da psicologia fenomenológica: como ela se distingue das demais ciências do espírito e das ciências da natureza. Colocação em questão, os conceitos de natureza e do espírito” e o § 6 “Necessidade de retorno ao mundo da experiência pré-científica e à experiência em que dada (concordância da experiência)”. Neste parágrafo, uma das importantes análises se refere à Psicologia, na qual Husserl faz referência à Psicologia dos Antigos (aquela de Aristóteles), bem como a Psicologia Empirista da escola de Locke, a Psicologia Materialista de Hobbes, a Psicologia Metafísica de Herbart e a Psicologia experimental moderna, seguindo então para a análise do método das ciências da natureza.

No § 6 Husserl discute as relações entre natureza e espírito, seguindo para a análise da experiência e do mundo, destacando que ciências de fato são também ciências do mundo. O fenomenólogo também realiza a análise dos conceitos de natureza e de espírito, que para ele eram problemáticos enquanto conceitos regionais das ciências. Partindo da análise da experiência tal como dada nela mesma, Husserl discute como o mundo de experiência e seus conteúdos modificados continuamente evidenciam a verdade do mundo outrora negada pelas ciências naturais.

Tomando como base a orientação central de Husserl (*Zu den sachen Selbst*), voltemos às coisas mesmas, ao próprio autor apresentando as suas ideias e reflexões.

Esperamos que a leitura dos parágrafos contribua para ampliar o conhecimento sobre as bases da Psicologia Fenomenológica proposta por Edmund Husserl.

TRADUÇÃO DOS § 5 e § 6

§ 5. 2 “Delimitação da psicologia fenomenológica: como ela se distingue das demais ciências do espírito e das ciências da natureza. Colocação em questão os conceitos de natureza e do espírito.”¹

Após² ter terminado a introdução histórica da psicologia fenomenológica, iniciamos hoje seu desenvolvimento sistemático. Em primeiro lugar, devemos dar um título científico de “psicologia” um sentido no qual a origem seja clara, o que é bastante necessário aqui.

A ciência em geral e como tal representa o ideal de um conhecimento sistemático possuindo uma forma definitiva, ou a forma de um método de justificação por evidência absoluta para todos e de uma vez por todas.

Se for possível que as ciências em seu devir histórico não tenham preenchido completamente esse ideal, algumas dentre elas o realizaram sob a forma de uma aproximação evidente. Tal é o caso das ciências “exatas”. Ninguém considerará possível uma reviravolta total pela qual a Física, por exemplo, pudesse transformar completamente o conjunto da sua forma metódica, por assim dizer, seu olhar teórico. De acordo com o que já temos, não acontece a mesma coisa com a Psicologia. A Psicologia dos Antigos, por exemplo, aquela de Aristóteles possui uma face completamente diferente desta dos modernos, mas não que a nova Psicologia teria no momento alcançado ou somente se aproximado da forma metódica de uma ciência rigorosa; tanto são imensas as diferenças que existem entre a psicologia empirista da escola de Locke, a psicologia materialista de um Hobbes, a psicologia metafísica de um Herbart, etc, até a psicologia experimental moderna. Mas, apesar

¹ <Cf. Apêndice V> [Não traduzido neste volume].

² <Início de uma nova lição e observação de Husserl>: começo sistemático.

do reconhecimento internacional desta, Dilthey e a escola fenomenológica não reconhecem nenhum caráter definitivo em seu objetivo e nos seus métodos.

Quando as ciências estão em tal situação, uma reflexão radical torna-se necessária e pode sozinha, manifestamente, prestar serviço. É necessário retornar sobre o encadeamento global e concreto a partir do qual seu domínio foi esclarecido e pensado como tema de conhecimento. É preciso que a luz seja projetada sobre o que confere ao domínio científico em questão uma unidade essencial, e em que ele se separa essencialmente, tanto do exterior como do interior, de suas primeiras fontes originais de sentido. Por consequência, a psicologia tem também como ponto de partida a questão seguinte: com o quê ela está lidando, qual é sua esfera temática? É óbvio que responderão que não é a natureza material que é o domínio das ciências da natureza. Ela lida com os fatos espirituais, com os homens e animais, na medida em que são seres espirituais e na medida em que eles são o lugar de acontecimentos espirituais e psíquicos; enquanto psicologia geral, ela lida, com o que é comumente em todos os lugares, válido, enquanto antropologia psicológica e psicologia do animal, ela é limitada de maneira correspondente ao domínio humano e animal.

As múltiplas ciências do mundo social e histórico têm igualmente lidado com fatos espirituais: as ciências que tratam das nações, de Estados, de direitos, das religiões, etc, no seio da unidade histórica de cada cultura humana; acontece da mesma forma com as ciências de diferentes produções da espiritualidade objetivada como as línguas, a literatura, a arte, ciências de múltiplas formas de obras tais como aparecem em mutação incessante na unidade da história. O conceito de antropologia psicológica pode envolver todas estas disciplinas que se referem ao homem. Mas se falamos em Psicologia, é manifestamente com a ideia de que ela deve *ser uma ciência das formas e das leis mais gerais dos fatos espirituais*, por oposição às ciências das concretudes individuais na realidade histórica; do mesmo modo, em relação à esfera natural, a Física enquanto ciências das leis abstratas se opõe às ciências concretas da natureza que se ocupam das formas individuais das coisas, da Terra, do Sol, dos astros e, assim agindo, das formas típicas concretas que se apresentam no interior desta natureza individual. A ciência das leis é então chamada a fornecer explicações no seio da concretude variável.

Nós sabemos por outro, lado no que concerne à implementação destas intenções, subsiste um sentimento muito vivo de obscuridade, obscuridade que diz respeito finalmente à posição respectiva da natureza e do espírito e de todas as ciências que se acomodam sob estes dois títulos. O que é natural e o que é espiritual não nos aparecem claramente separados, de sorte que uma simples indicação bastaria: ali natureza e ali é, completamente diferente de tudo, o espírito. Bem ao contrário, o que, de início parece evidentemente distinto se revela, refletindo nisso mais precisamente, obscuramente entrelaçado, intrincado de modo dificilmente compreensível.

A ciência moderna da natureza nasceu de um interesse orientado de modo unilateral e de um método unilateral que, que sob o título de natureza não se contentou simplesmente por assim dizer de tomar na experiência original uma esfera de dados aparecendo pura e simplesmente na experiência, mas que já tinha justamente em vista um produto fabricado pelo método; tratava-se de uma natureza que não possuíam, portanto, de antemão como natureza, da qual eles teriam tido a experiência, mas de uma ideia que esta ciência se encarregou de realizar mediante a teoria.

Foi, por conseguinte, essencial ao seu método liberar todas as propriedades “puramente subjetivas” que se revelassem das coisas da experiência imediata, a todos os traços característicos emergidos da subjetividade. Mas eliminando o subjetivo, ou seja, o espiritual, manifestava-se um desinteresse completo pelo espiritual, em si e se interessavam somente ao que, em conformidade com um tal método, permanecia a título de resíduo, ou seja, àquilo que é puramente físico ou material. O tema foi o puramente físico, e não o espiritual que se devia aqui somente rejeitar como uma impureza. Também o subjetivo em si não foi compreendido, delimitado cientificamente.

Do outro lado, a ciência do espírito e, acima de tudo, a psicologia orientada para o que é radical e geral na espiritualidade, foi incapaz de fazer o que é correlativamente necessário, ou seja, que ela foi incapaz, aí onde o que é espiritual deveria ser o tema universal, de iluminar a sequência unitária do espiritual no mundo concreto, suas diferentes formas originais e aquelas formas derivadas nas quais o mundo concreto da experiência é e fora espiritualizada em formas sempre novas. Os *membros desmembrados* da espiritualidade, que o método da ciência da natureza tinha eliminado e rejeitado, a fim de alcançar à sua ideia de natureza, no entanto, deveria ser novamente substituído em seu encadeamento de origem, em outros termos, foi necessário repensar o método abstrativo da ciência natural e remover novamente a abstração. Mas, habituado que éramos com o pensamento abstrato e simbólico da ciência da natureza, não refletimos mais sobre o significado originário do conceito de natureza das ciências da natureza e tratava-se esta natureza como aquilo que é dado imediatamente em intuição concreta.

Assim permaneceram todos os dois - o mundo espiritual e a natureza - igualmente incompreensíveis, embora o que se queria estudar foi diretamente compreensível no contexto em que se exercia o método das ciências da natureza.

<§ 6.Necessidade de retorno ao mundo da experiência pré-científica e à experiência em que ela é dada (concordância da experiência).

A natureza e o espírito não existem previamente como temas científicos; pelo contrário, a sua formação só se realiza dentro de um interesse teórico e de um trabalho teórico orientado por esse interesse, sobre o embasamento de uma experiência natural pré-teórica. Eles então aparecem em um emaranhado e uma comunidade originalmente intuitivas; deve-se partir desta unidade concretamente intuitiva do mundo da experiência pré-científica e clarificar então quais interesses teóricos e quais orientações teóricas do pensamento esta unidade esboça, e como, neste contexto, natureza e espírito podem se tornar temas unitários universais, sempre indissociavelmente ligados um ao outro.

Se tivéssemos retornado à plena concretude originária do mundo, tal como se experiencia a cada momento em uma originalidade ingênua e se, realizando as abstrações metódicas, não se tivesse jamais esquecido este mundo concretamente intuitivo enquanto campo originário, os erros da psicologia e da ciência do espírito naturalistas nunca tivessem sido possíveis, não se teria jamais podido decidir por interpretar o espírito como um anexo simplesmente causal dos corpos materiais ou como uma série causal paralela àquela da materialidade física. Não se poderia jamais considerar os homens e os animais como máquinas psico-físicas ou mesmo como máquinas duplas paralelas.

Nisso, já indicamos nosso projeto imediato e necessário ao nosso propósito. Partindo dos conceitos de natureza e do espírito que são para nós problemáticos enquanto conceitos regionais das ciências, voltemos ao mundo situado antes de todas as ciências e antes de suas intenções teóricas, a título de mundo de intuição pré-teórica, isto é, de mundo da vida atual, que inclui nela a vida realizando a experiência de mundo e teorizando o mundo. Em geral, todas as ciências de fato são ciências do mundo. Se o mundo não fosse originalmente pré-dado na experiência, nenhuma das ciências do mundo poderia estrear, elas não teriam nenhum substrato para suas atividades do pensamento. Mas está constantemente presente para todos nós, e está aí graças ao progresso contínuo e em consonância com a experiência. Isto ocorre com seu conteúdo de sensação, com as coisas que se experimenta; que nós prestamos atenção a essas coisas ou não, elas ainda assim aparecem e aparecem como coisas existentes.

Nós pressupomos permanecer na atitude natural, e isso não significa nada além do fato de que nós apreendemos <o ser> em consonância com a experiência, tal como ele se dá, a saber, como um ser existindo concretamente e que o conjunto da vida natural se relaciona com este mundo que possui no momento, bem naturalmente, uma validade para nós enquanto realidade existente; é no interior deste mundo existente, nosso “mundo circundante”, que agimos e produzimos; é a ele que dirigimos todas as nossas questões práticas e teóricas, é sobre ele versa nosso trabalho científico. Seguramente, este mundo tem uma face muito variável. Isso não ocorre apenas porque estamos experimentando isso como de um mundo variável e se transformando continuamente mas também ao fato de que nossas concepções mudam, e que nossas opiniões, que procedem de atividades teóricas ou práticas, revestem nossa experiência, na ocorrência de seu sentido, de novas camadas de sentidos; O que nos é dado à primeira vista, como qualquer coisa vista, ouvida, como algo que, não importa como, experimentamos, carrega em si, quando refletimos sobre ele mais de perto, sedimentos de atividades espirituais anteriores deste tipo, e a questão então é saber onde se pode encontrar, numa experiência pura, um mundo verdadeiramente pré-teórico, livre dos sedimentos de significado do pensamento anterior.

Na linguagem corrente dizemos: vemos ali mesas e bancos, cadernos etc.; é claro que tais palavras exprimem as coisas vistas num contexto de significado que, esclarecido, nos reconduz às nossas próprias atividades e àquelas dos outros. E logo que caracterizamos as estrelas que vemos como corpos celestes, ou quando tomamos como exemplo enunciados da experiência, a saber, os graus do termómetro, é manifesto que sedimentos de conhecimento oriundos da atividade de pensamento anterior permanecem mais ligados àquilo que experimentamos realmente cada vez. É indubitável. Tomemos de início isto que experimentamos tal como ele se dá a cada vez, e comecemos assim como devemos começar, com esse contraste que se pode a cada vez fazer aparecer entre o que se dá a nós como apropriado e como imediatamente percebido, como aquilo do qual se tem passivamente a experiência, como um existente em carne e osso que nos contentamos de olhar e apreender pessoalmente, e de outra parte, o pensamento que ali se exerce e os pensamentos que se formam ai sujeitos a essas coisas, uma vez pensadas em verdade ulteriormente a estas podem muito bem se dar em uma experiência ulterior <como> pertencendo elas mesmas àquilo que se experiencia.

O que nos guia por consequência é um primeiro conceito de experiência e de mundo da experiência ou, em particular, de realidades individuais que experimentamos, sendo necessário formar em vista de uma primeira reflexão. Lançando um primeiro olhar circular e retrospectivo, nós devemos então dizer: sempre experimentamos um mundo; apesar de todas as mudanças das apreensões e anteriormente ao pensamento que mais tarde pode entrar em jogo, é apenas um e o mesmo mundo, continuamente experienciamos, a propósito do qual podemos produzir enunciados e para o qual devemos almejar o conhecimento da verdade. Todas as questões relativas ao ser verdadeiro pressupõem, portanto, este mundo da experiência certamente mutável em sua apreensão: o mundo verdadeiro designa assim um produto de conhecimento mais elevado, que encontra seu material original de moldagem no universo fluido do que é dado a cada vez na experiência. Ou ainda, esta primeira realidade de experiência é o campo originário a partir do qual a pesquisa científica deve produzir como fruto, o mundo verdadeiro.

Este mundo da experiência ou sentido primeiro possui a evidência em todas as suas formas subjetivas que a vida e a ação subjetivas modificam, uma certa estrutura geral e, como se verá a seguir, não uma estrutura factual contingente, mas aprioristicamente necessária.

Na última lição³, comecemos por uma reflexão radical, cujo objetivo era nos levar de volta ao lugar de origem de todas as nossas representações e, portanto, igualmente, de nossos conceitos científicos do espiritual e, em particular, do psíquico. O lugar de origem de todas as ciências objetivas factuais ou, o que equivale ao

³ <Início de uma nova lição>

mesmo, de todas as ciências do mundo é única. O mundo único ao qual todas elas se reportam originariamente dado como o simples mundo da experiência, isto é, como o mundo que percebemos direta e imediatamente em seu presente e como o mundo que foi percebido e rememorado em relação a seu passado. Nós possuímos, ou antes, nós adquirimos do mundo um saber múltiplo e das ciências; mas preciso primeiro, dizíamos nós, que simplesmente experimentássemos de um mundo, coisas, processos e outras coisas semelhantes para que a atividade do pensamento possa entrar em ação e que o saber concernente às coisas possa se desenvolver em teorias altamente científicas em relação a essas coisas (a idealidade da verdade). Os substratos últimos de todo pensamento e de qualquer outra formação ideal resultante da atividade espiritual se encontram no mundo da experiência. Se nós enunciarmos qualquer coisa a seu propósito ou a propósito de objetividades que delas provém, se nós justificarmos os enunciados por argumentos, por teorias, produzimos então, pelo que fazemos (ou podemos fazer) simplesmente, a experiência de maneira primeiramente pré-teórica, determinações predicativas de uma certa forma metódica que são enquanto tais formações teóricas, existindo no reino da irrealidade. A verdade nada mais é do que um predicado eminente de formações irreais deste tipo, pressupõe, portanto, como elas, o que é relativamente pré-teórico, o mundo da percepção e da experiência. Ora é portanto de uma alta importância de não perder de vista como entendemos esta ideia do mundo da experiência e da experiência desse mundo. Ali, temos a necessidade de determinações mais precisas para prosseguir ao que já foi dito. Do que se trata? Em primeiro lugar, disto: na percepção, o percebido é dado como existindo de modo imediato e como presente, pessoalmente, na memória ele se dá como estando presente em si mesmo. Sem estarmos lá, os objetos podem entrar no domínio que nos interessa e estão ali, enquanto tais, ou podem estar lá sem que prestemos atenção neles. Mas o nosso conceito de experiência inclui também certas atividades, a saber aquelas - mas então somente aquelas - por meio das quais a percepção se transforma em uma percepção atenta [*gewahrend*] e esta em uma percepção que considera [*betrachtend*] as coisas mais de perto, numa palavra, numa percepção realizada ativamente.

Isso quer dizer que concentramos nossa atenção sobre estes objetos ou sobre aqueles objetos ali de nosso campo de percepção, que nós os apreendemos e deles tomamos conhecimento progressivamente. Nós examinamos de mais perto os objetos já visíveis, nós apreendemos numa percepção particular o que deles ou neles está contido em seu presente concreto. De outra parte, toda atividade de denominação, de predicação, de teorização, do mesmo que toda outra atividade que afeta o objeto da experiência de um sentido novo qualquer, permanece fora de jogo. Mas, convém insistir nisso, nós não nos perguntamos se aquilo que nos é dado como objeto de percepção, de modo geral como objeto de experiência, não deve em parte seu conteúdo da experiência a atividades sensíveis anteriores. A este respeito, nós não colocamos nenhuma questão tocando à origem. Vale por conseguinte como percebido e, portanto, como objeto da experiência em geral, aquilo que se dá cada vez como percebido, como existência presente em pessoa.

Portanto, uma maior precisão se impõe agora.

O mundo um da experiência atravessa nossa vida no estado de vigília como uma unidade contínua.

É verdade que, de um momento para o outro, nós temos sempre novas percepções e, consideradas individualmente, uma percepção particular sempre nova; mas de modo geral, tudo isso se reúne sem que nós estejamos lá por qualquer coisa em uma unidade da experiência na qual podemos ter uma visão global, e isto de tal modo que, na visão de conjunto, é preciso sempre dizer que o mundo um, cujos domínios sempre novos acessam uma percepção atual e então permanecem em seguida nossa propriedade no modo de lembrar, aparece em uma experiência, uma experiência única onde se unem em um fluxo todas as percepções e todas as lembranças.

Nós precisamos no momento levar em consideração as exceções a esta regra, exceções que surgem elas mesmas ao estilo da experiência universal. Eu dizia, de modo geral, tudo se junta na unidade de uma percepção e de uma experiência e na unidade de um mundo da experiência. É verdade que acontece, em casos particulares, aquilo que chamamos de ilusões, aparências surgem no seio da unidade para além da concordância. Acontece que o que era anteriormente dado realmente conforme à percepção, portanto, o que nós reencontramos na validade originária enquanto realidade existente seja contestada posteriormente; de modo que o que antes era percebido normalmente perde o caráter da realidade efetiva existindo de modo indubitável, de sorte que o “realmente existente” é, por assim dizer, riscado posteriormente. Considerando que antes tudo era concordante e pactuado na unidade de uma realidade global, aquilo que foi anteriormente um objeto de experiência a título de realidade, aparece posteriormente de modo inadequado, discordante.

Somente uma modificação da experiência permite ali restabelecer a harmonia. Isso significa então: não está e não estava lá como parecia em princípio; a olhar isso mais de perto, a prosseguir a experiência, parece que no lugar disso, ocorre outra coisa.

A evidência, nós entendemos pela expressão do mundo da experiência o fundo unitário da realidade concordante em seu conjunto que não cessa de se revelar na busca de nossas experiências. Nossa experiência é assim feita que, apesar de todas as discrepâncias ocasionais de detalhe, tudo acaba por se resolver na harmonia de uma concordância, em outros termos, a cada aparência corresponde ali um ser real que nele se inscreve de modo concordante e que se o podemos descobrir através da experiência.

Qualquer pedaço de experiência de vida no estado de vigília que se possa abraçar com um olhar, por exemplo aquilo que captamos de relance como tendo sido até agora nosso, abrange, por consequência, enquanto conjunto da objetividade ou do mundo no qual eu experimento de modo unitário, tudo o que surge, de acordo com o conjunto, com o caráter de validade: “realidade existente”, e que, no interior desta fatia de experiência, permanece protegido de qualquer desvalorização ulterior. Como esta experiência global está sempre em movimento, a realidade da experiência é qualquer coisa de relativo, na medida em que, no curso das novas experiências que se reúnem de forma contínua, o ser pode sem nenhuma dúvida se transformam em aparência e onde, por consequência, o conteúdo do mundo da experiência também se modifica na experiência global ulterior.

Mas um outro ponto ainda merece um exame mais preciso. Vocês farão talvez a seguinte objecção: contudo, não experienciamos em cada instante, senão que a experiência de coisas e de complexos de coisas particulares e determinadas; nós sempre temos um campo perceptivo limitado, portanto, um tênue fragmento de mundo que, tem portanto, sempre para nós a validade de um mundo | estendendo-se ao infinito. Portanto, não é correto, dirão vocês, falar de um mundo que simplesmente experienciaríamos; o mundo não é dado por meio do viés de uma simples experiência, mas mediante um pensamento que está ligado a ele. Da mesma forma, cada fluxo continuamente unitário da experiência, por exemplo, nossa inteira experiência de vida até então experimentada tem apenas um campo de experiência limitado, devendo sempre ser assim.

Eu respondo a princípio por uma outra pergunta. Pode-se mesmo designar como percebido uma coisa individual sendo dada, considerando que ela é sempre mais que aquilo que percebemos verdadeiramente? E a experiência em curso poderia ser capaz de se apropriar dessa coisa? Pensamos a bem da verdade que cada coisa que experimentamos é mais do que jamais poderíamos perceber, sendo dado que permanece sempre possível experienciar, a seu propósito, de algo novo?

Na verdade, com tais questões e de tais questões em resposta, nós deixamos o conjunto do solo sobre o qual nós colocamos em evidência os conceitos correlativos de experiência do mundo e do mundo no qual fazemos a experiência. Portanto, a percepção, a memória, a experiência global que fornece uma visão de

conjunto designam para nós este modo de pré-doação imediata das coisas, dos encadeamentos de coisas, e até de um mundo em que este “pré-dado” se dá a nós⁴ como realidade que existe de uma forma imediatamente presente, como existindo *originaliter*, em carne e osso, ou como tendo sido.

Tudo isto é pré-dado para nossas ocupações ativas, em particular para as ações do pensamento específico, daquele que concebe, que dá os predicados, que teoriza. É esta a razão pela qual nós deveríamos aceitar como isso se dá e se deu a cada vez. Mas o que se dá a nós em percepções a título de presente em carne e osso, é uma coisa, por exemplo uma casa, um cavalo etc. Quando nós distinguimos então entre o quê, - a considerar as coisas de modo isolado e mais de perto, isto é, numa percepção particular -, aparece agora desta coisa na percepção a título de momento particular e o que não aparece ainda desta coisa na percepção, esta distinção diz respeito ao conteúdo próprio da percepção, a saber a maneira na qual as coisas percebidas se dão por todos os lados e talvez segundo uma necessidade rigorosa. A casa se encontra lá realmente lá em carne e osso, mas ao mesmo tempo, de modo que apenas parte de suas determinações são percebidas em particular. Mas posso ampliar o círculo de experiência, aproximar-me da casa, contorná-la, entrar nela e proceder então a considerações particulares sempre novas.

Ao percebido que, em todos esses processos, se dá como casa, como a única e mesma casa que experienciamos de forma direta, portanto pertence a um “*como*” subjetivo do dado da experiência, um horizonte aberto de experiências possíveis a prosseguir, nas quais o que surgiu nela sem cessar como momento pertencente à própria casa é ou seria objeto de experiência.

Mas precisamente, neste sentido, devemos dizer que não fazemos simplesmente a experiência de realidades mundanas singulares, mas que experimentamos a totalidade do mundo. Um acesso perceptivo especial atento pode muito bem valer apenas para esta casa, nós possuímos portanto a casa num campo perceptivo mais amplo: a rua que a rodeia, os jardins também estão neste campo de forma parcial, e também realmente vistos. Mas o mundo não tem ali nenhum limite: cada campo óptico e cada campo de visão têm um horizonte externo aberto que não está separado da experiência. Fazem manifestamente parte dela, de acordo com a consciência, os prolongamentos possíveis da experiência, nos quais o campo óptico é ordenado ao campo óptico, o campo atual da experiência se ordena ao campo da experiência e se reúne em unidades de experiência, de tal modo que podemos dizer com razão que é sempre de um só e mesmo mundo que experimentamos, mas que, cada vez, só temos a experiência particular e “real” deste ou daquele domínio singular do mundo; mas nós podemos ir mais longe, olhar constantemente ao nosso redor de uma nova maneira e, portanto, *in infinitum*. E mesmo se nós não formos mais longe sobre um modo ativo, a experiência se alarga e acolhe algo novo em sua unidade.

Nós assim circunscrevemos o único conceito autêntico e original da experiência natural do mundo, ou ainda do mundo que experienciamos, como o encontramos retrospectivamente a partir de agora ou de qualquer agora anterior, e tal como o encontraremos antecipado em cada futuro agora. É o mundo pré-teórico que precede todas as questões teóricas, o mundo em sua relatividade que experimentamos e que o percebemos como existente, e isso, sempre com uma certeza indubitável. A indubitabilidade não significa aqui verdade, mas significa somente, de modo literal, esta espécie de certeza ininterrupta, pertencendo ela mesma a cada percepção, certeza do ser e do apreendido ou do pode-ser-apreendido diretamente intuitivo, absolutamente tal como se dá na percepção, ou ainda tal como podemos questioná-lo na própria experiência através do desvelamento esclarecedor de seu próprio sentido. Em si, a nossa experiência engloba, abraçado com a vida e o tocar o próprio mundo e possuí-lo em si, *originaliter* com certeza. A dúvida, como ruptura da certeza, só surge isoladamente como uma transição para uma nova certeza novamente interrompida, no quadro universal de uma certeza de

⁴ Para todos nós, para cada um, não basta a simples experiência, é preciso concordância - devemos, portanto, entrar na síntese intersubjetiva.

ser unitária. A verdade é o julgamento verdadeiro, a resolução das questões dali resultantes. Desde o nível da simples experiência, a dúvida leva a questões de outro nível e, por isso, a intenção de os resolver. Mas também há muito vivermos naturalmente, experimentando-o diretamente, o próprio mundo, o universo “de” aquilo que existe nunca está em questão. No fluxo contínuo da experiência universal, esta é sempre a base sólida universal do ser, sobre o qual todas as questões particulares encontram a sua resolução. Ora, mesmo a verdade no sentido preciso do pensamento que concebe, do pensamento predicativo, da interrogação, do julgamento, da decisão teórica, não tem absolutamente seu lugar aqui em nosso reino de uma experiência pura e simples. Além disso, este mundo da experiência é aquele para o qual todas as questões naturais, ou seja, justamente aquelas que se relacionam ao mundo são colocadas, ao qual todos os julgamentos a título de verdades naturais, todas as ciências naturais de fato estão referidas.

A nossa ideia comum é que este mundo de experiência cujos conteúdos se modificam sem cessar permita procurar e encontrar uma verdade do mundo; em outras palavras, que um pensamento teórico universal tendo por propósito a verdade objetiva e definitiva deva ser estabelecida sobre a base de nossa experiência universal, e que tal objetivo tenha um sentido prático racional. É a pressuposição de todas as ciências objetivas. Mas esta convicção, assim como cada operação que toma sua fonte não faz mais parte da experiência universal nela mesma. Somente faz parte a presunção constante do horizonte, segundo a qual é preciso remeter a cada vez a experiência em jogo, segundo a qual todos os horizontes devem estar abertos, e segundo o qual tudo acabará por concordar, e que deve conduzir ao desvelamento de um só e mesmo mundo concordante. Pode-se dizer que no estilo universal da experiência é contínua a ideia de um mundo definitivo da experiência face a face ao qual o mundo que experimentamos cada vez de fato, nos quais correções particulares são sempre possíveis, é uma completa variável, compreendendo numerosas moedas falsas, que não são no entanto ainda reconhecidas como tais; Isto, como foi dito, é uma ideia e não uma simples experiência.

Referências

- Almeida, E., & Goto, T. A. (2022). O Eu como polo de atividades e hábitos . *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 14(2). <https://doi.org/10.26823/nufen.v14i2.23952>
- Husserl, E., & Braga, J. O. (2023). A Psicologia Fenomenológica como anunciada por Edmund Husserl. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 4(3). Recuperado de <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/215>
- Husserl, Edmund (2022). *Psicologia Fenomenológica e fenomenologia transcendental: textos selecionados (1927-1935)*. trad. Giubilato, Giovanni Jan, Coli, Ana Luiza, Guilhermino, Daniel, Silva, Felipe Maia da. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. (Coleção Pensamento Humano)
- Husserl, Edmund (2001). *Psychologie Phénoménologique: 1925-1928* (P. Cabestan, N. Depraz, F. Dastur trad.). Paris: Vrin
- Husserl, Edmund (1977). *Phenomenological Psychology: Lectures, Summer Semester, 1925*. trad. J. Scanlon. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Husserl, Edmund (1962). *Phänomenologische Psychologie: Vorlesungen Sommersemester 1925 (Husserliana IX)*. Walter Biemel (Hrsg.). The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff.